Série Preservação e Desenvolvimento
MONUMENTA



PRAÇA DA ALFÂNDEGA

PORTO ALEGRE-RS | 4

Série Preservação e Desenvolvimento
MONUMENTA

PRAÇA DA ALFÂNDEGA

PORTO ALEGRE-RS | 4

Créditos

Presidente da República do Brasil
Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro de Estado da Cultura
Gilberto Passos Gil Moreira

Presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
Coordenador Nacional do Programa Monumenta
Luiz Fernando de Almeida

Coordenação editorial
Sylvia Maria Braga

Edição
Caroline Soudant

Redação e Pesquisa
Rogério Furtado

Revisão e preparação
Denise Costa Felipe

Design gráfico
Cristiane Dias

Fotos
identificação e créditos p. 104

P895 Praça da Alfândega: Porto Alegre - RS. Brasília, DF: IPHAN/Programa Monumenta, 2007.
108 p.: il.; 15 cm. – (Preservação e Desenvolvimento ; 4)

ISBN – 978-85-7334-049-5

1. Educação Patrimonial. 2. Praça da Alfândega – RS. 3. Patrimônio Cultural. 4. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. II. Série.

CDD – 370.11

PRAÇA DA ALFÂNDEGA

PORTO ALEGRE-RS | 4



Apresentação

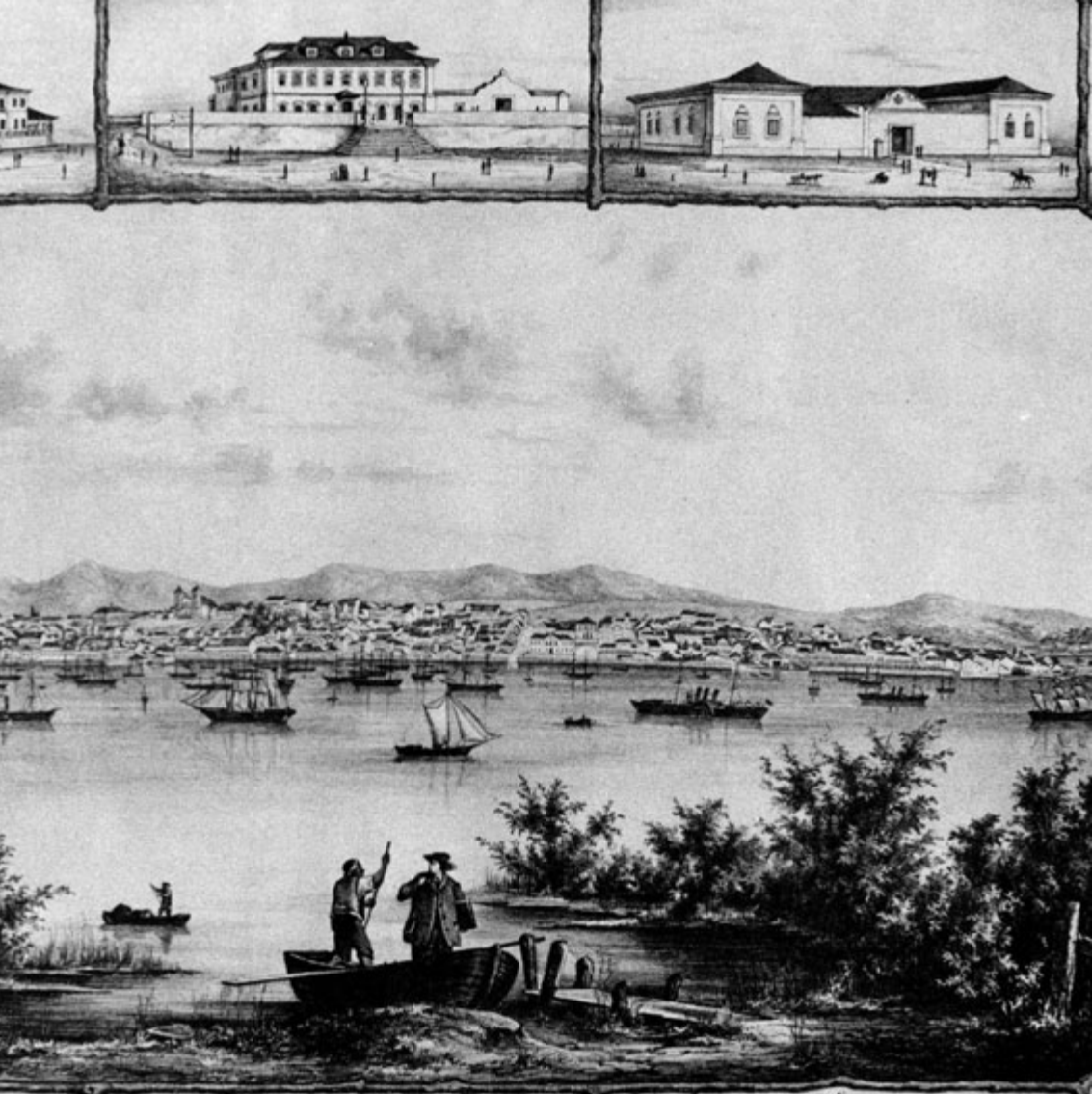
Este pequeno livro pertence à série Preservação e Desenvolvimento, uma coleção de registro das experiências desenvolvidas pelo Programa Monumenta na área da promoção de atividades econômicas, de educação patrimonial, de formação profissional e de capacitação.

Na qualidade de programa do Ministério da Cultura para a recuperação sustentável do patrimônio histórico brasileiro, o Monumenta se propõe a atacar as causas da degradação de sítios históricos e conjuntos urbanos tombados e a elevar a qualidade de vida das comunidades envolvidas.

Assim, muitas das ações propostas no âmbito do Programa, com apoio de estados e municípios, vêm permitindo a essas comunidades descobrir o patrimônio cultural como fonte de conhecimento e de rentabilidade financeira, como meio, portanto, de inclusão social.

Esse novo conceito de preservação transformou alguns dos sítios beneficiados em pólos de atividades culturais, turísticas e de geração de empregos, garantindo ao mesmo tempo a conservação sustentada de nosso patrimônio e melhores condições de vida para quem trabalha ou vive ali.

É uma dessas experiências que você vai conhecer agora.



Introdução

Como outras capitais brasileiras, Porto Alegre sofreu intenso processo de urbanização a partir de meados do século 20. Com ele, perdeu parte de seu patrimônio histórico, em conseqüência da demolição de edifícios antigos que deram lugar a ruas, avenidas ou a novas construções. Contudo, ainda que mudado, o centro da cidade conservou grande vitalidade. Os principais órgãos públicos nunca saíram dali. E a região central, além de concentrar os mais importantes museus, teatros, bibliotecas e arquivos do Rio Grande do Sul, reteve número expressivo de empresas do setor de serviços, com destaque para o comércio e as instituições financeiras. Outro aspecto marcante daquela área é o fato de ser habitada por cidadãos cuja renda supera a média brasileira. Dentre eles, muitos têm diplomas universitários ou estão freqüentando alguma faculdade.

Tendo em vista essas características, em período recente as administrações municipais procuraram valorizar ainda mais o centro histórico. O impulso inicial foi dado nos anos 1980, quando a população passou a impedir a destruição do patrimônio, salvando monumentos como a Usina do Gasômetro, que hoje é um grande centro cultural, e o Mercado Público. A cidade, que tinha monumentos protegidos pelo Instituto do Patrimônio



Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) desde 1938, conseguiu tombar o centro histórico por inteiro em 1999, para participar do **Programa Monumenta**.

De lá para cá, várias ações se sucederam no âmbito do Programa. Houve restaurações de edifícios públicos, e estudos com vistas à reurbanização do centro estão sendo concluídos, para execução imediata. Também foram muito importantes as realizações na esfera cultural, principalmente na Praça da Alfândega, que é um ponto de referência para os porto-alegrenses, pois a cidade começou a nascer naquela região, às margens do Guaíba. Outras idéias se tornarão realidade em breve. É o caso do **Projeto Interpretativo do Centro Histórico**. Por meio dele, cada monumento terá sua história contada em painéis fixos. Tais dispositivos serão convites permanentes à população para que leia e se aproprie cada vez mais de sua capital.

Luiz Fernando de Almeida
Coordenador Nacional do Programa Monumenta
Presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional



Centro vivo


Safra

Centro vivo

Na segunda metade do século 20, o processo frenético de urbanização do Brasil provocou efeitos irreversíveis nas grandes cidades. Dentre as seqüelas, houve a perda de elementos significativos do patrimônio histórico, como resultado da demolição de construções antigas, e a mudança da fisionomia de praças e ruas. No passivo dessa época figuram ainda o progressivo esvaziamento e o desprestígio de bairros tradicionais, antes densamente povoados e cheios de vida. Em geral, tais bairros também se destacavam pelo vigor do comércio e por ampla oferta de serviços, cultura e lazer. Sob esse aspecto, Porto Alegre apresenta uma possível singularidade. O centro histórico da capital rio-grandense não escapou incólume do processo de crescimento urbano. Mas, embora alterado, não perdeu a vitalidade. Fora os residentes, por lá circulam e trabalham centenas de milhares de pessoas todos os dias, num ambiente muito tranqüilo e seguro, se comparado ao de áreas semelhantes nas outras metrópoles brasileiras.

É certo que o comércio freqüentado pelos endinheirados mudou de endereço, de forma gradual, mas o centro reteve as instituições financeiras e muitas outras empresas do setor de serviços, escritórios de profissionais liberais, inclusive os da área da saúde, que trabalham em dois hospitais do centro, e um sem-número de lojas populares, onde se vende de tudo.



Pesquisas recentes mostram que, em geral, os imóveis residenciais estão em boas condições. Esses domicílios são habitados há muito por seus proprietários, por locatários antigos ou por estudantes. Nesse subconjunto da população porto-alegrense, cujos rendimentos superam os da média brasileira, não foram encontrados analfabetos. Ao contrário: dentre os residentes no centro, parcela significativa conquistou diploma universitário ou está cursando alguma faculdade. Porém, talvez como sinal dos tempos, o número de crianças na região é pequeno: os moradores, na maioria dos casos, têm mais de 30 anos.

Determinadas circunstâncias, inter-relacionadas, se mostraram decisivas para impedir a degradação do "miolo" porto-alegrense. Em primeiro lugar, o centro histórico nunca deixou de abrigar os órgãos das diversas instâncias do poder público, assim como as manifestações culturais. Ali estão os mais importantes teatros, museus, bibliotecas e arquivos do Rio Grande do Sul. Depois, a partir do início da década de 1980, intelectuais, arquitetos, funcionários públicos e sindicatos organizaram campanhas que impediram a derrubada de monumentos. São memoráveis, por exemplo, as ações que garantiram a sobrevivência da Usina do Gasômetro. A instalação, construída em 1928 para queimar carvão mineral e produzir energia elétrica, funcionou até 1974 com o equipamento original, trazido da Inglaterra.



Desativada, ficou sob ameaça de demolição, para dar lugar a uma avenida. A sociedade reagiu com energia, apoiada pela imprensa. Por fim, o que desabou foi o projeto da avenida. Graças a isso, Porto Alegre ganhou, em 1991, um invejável centro cultural na Usina, com 18 mil metros quadrados de área construída, em seis andares.

É um espaço enorme, onde há cinema, bares, lojas e recintos para múltiplos eventos: exposições, feiras, apresentações musicais e teatrais. Ainda na década de 1980, também escaparam das picaretas e marretadas, além de outras construções, o antigo Hotel Majestic (hoje Casa de Cultura Mário Quintana) e o belo e acolhedor Mercado Municipal, cujo terreno por pouco não virou terminal de ônibus. Como reflexo desse movimento, sucessivas administrações municipais formularam e executaram políticas de preservação do Centro Histórico. Dentre as realizações se destaca o Projeto do Corredor Cultural da Rua da Praia, de 1996. A Rua da Praia, cujo nome oficial – Rua dos Andradas – a população costuma ignorar, é talvez a mais importante da cidade em termos históricos. No passado, a rua de fato margeava o Guaíba que, até hoje, entre rodadas de chimarrão, alguns gaúchos discutem se é rio ou lagoa. Mas as águas foram afastadas por uma série de aterramentos, iniciados há mais de um século e meio. Agora, na altura do Cais Mauá, elas fluem a oeste da Praça da Alfândega, a pouco mais de uma quadra de distância. Porto Alegre surgiu oficialmente nessa área, a partir de 1772, como Arraial do Porto São Francisco dos Casais, em frente ao primitivo atracadouro. Os povoadores eram casais de açorianos. Eles chegaram com a intenção de mudar-se para outras regiões, assim que terminasse a Guerra Guaranítica. Esperavam também que fossem definidas as fronteiras entre os territórios de Portugal e da Espanha, de acordo com o Tratado de Madri,





assinado pelas metrópoles colonialistas, em 1750. Como não houve solução rápida para o assunto, os açorianos terminaram por estabelecer-se ali.

Em 1998, após a instalação do Corredor Cultural, o governo da municipalidade investiu no Projeto Revitalização do Centro, efetuando uma série de restaurações em itens do patrimônio histórico, como o Mercado Público, o Chalé da Praça XV, o Viaduto Otávio Rocha, a Fonte Talavera e o Paço dos Açorianos, sede da prefeitura. Nesse esforço de qualificação do centro, se encaixam as várias ações do **Programa Monumenta em Porto Alegre**, iniciadas a partir de 2002, com a Secretaria Municipal da Cultura. O Monumenta, desenvolvido pelo Ministério da Cultura em colaboração com a Unesco, é financiado com recursos federais e do Banco Interamericano de





Desenvolvimento (BID). E tem como objetivo recuperar e preservar o patrimônio histórico de 26 municípios brasileiros O Programa conta ainda com investimentos estaduais, municipais, da iniciativa privada e de outras fontes. Em Porto Alegre, há verbas da Trensurb, da Refap e do Ministério das Cidades. A Caixa Econômica Federal atua com o Programa na movimentação de recursos para todas as cidades que dele participam, assim como na gestão dos financiamentos a proprietários privados de imóveis de valor cultural. Porto Alegre despertou para o Monumenta em fins da década de 1990. Naquela época, a cidade já dispunha de monumentos tombados pelo IPHAN. Mas, para atender os pré-requisitos do Programa, precisava ter um perímetro sob proteção federal. A solicitação nesse sentido foi atendida pelo IPHAN em 1999, com o tombamento de porção considerável do centro.



Ponto de partida



Ponto de partida

A região tombada apresenta relevo irregular. Compreende um espaço plano, a partir do Cais Mauá. Adiante há um trecho elevado, que termina na Praça da Matriz. No passado, essa região mais alta foi escolhida para sediar os principais poderes públicos e eclesiásticos. O arranjo, que obedecia a razões militares, pois facilitava a defesa do lugar, remonta a um passado europeu longínquo, e tornou-se típico do período colonial. Dada essa conformação, o centro histórico de Porto Alegre faz lembrar o de outras cidades mais antigas, como Salvador e Olinda. Para efeitos práticos, em relação ao Guaíba, a área do tombamento forma um eixo longitudinal. Essa linha imaginária começa no Pórtico do Cais Mauá, cruza a Praça da Alfândega e alcança a Praça da Matriz.

O território onde se dão as intervenções do Monumenta compreende esse eixo longitudinal, parte do eixo transversal ao Guaíba, formado pela Rua da Praia, e quarteirões adjacentes. No total são 24,5 hectares que concentram grande número de monumentos, e também cerca de 130 imóveis particulares de valor cultural ou arquitetônico, inventariados pela Equipe do Patrimônio Artístico, Histórico e Cultural (Epahc) da Secretaria Municipal da Cultura.

A primeira obra do Monumenta em Porto Alegre foi a restauração, entre 2002 e 2003, do Pórtico do Cais Mauá, tombado pelo IPHAN na década de 1980, junto com os armazéns portuários. O pórtico, estrutura de ferro forjado, típica da arquitetura industrial francesa de fins do século 19, forma uma praça seca coberta, que oferece atraente visão do Guaíba. No Cais Mauá, agora desativado, há uma série de armazéns. Dois deles foram restaurados e interligados ao pórtico, para hospedar eventos diversos. O sucesso foi imediato. Exposições, convenções, feiras e até recepções de casamentos se realizam no local. A utilização daquelas antigas instalações portuárias para essas finalidades garante a sustentabilidade buscada pelo Monumenta onde quer que atue: a gestão do patrimônio histórico deve fornecer à comunidade onde está localizado ao menos parte dos recursos necessários para sua manutenção preventiva.

Depois do Pórtico, o Monumenta abriu várias frentes de trabalho na cidade. A prefeitura e o estado, dono da maioria dos prédios históricos alvos do Programa, colaboraram nos projetos de restauração. Uma das construções é o Palácio Piratini, sede do governo estadual. Ali já foi concluída a restauração das fachadas e de uma fonte localizada na parte interna do palácio. Dela faz parte o grupo escultórico *Primavera*, executado pelo artista francês Paul Landowski, em 1911. Landowski é autor da estátua do *Cristo Redentor do*





Corcovado, no Rio de Janeiro. No processo de restauração, pesquisas da Fundação de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (Cientec) contribuíram para a eliminação de fungos e outros problemas em argamassas e mármores. Em publicação lançada em 2006, a Cientec descreve essas pesquisas e um minucioso conjunto de informações sobre o palácio. A obra também reproduz o projeto original do Piratini, assinado pelo arquiteto francês Maurice Gras, em 1909.

Também no Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli se encerrou a restauração de torreões e cúpulas, do terraço e clarabóia do salão principal. As obras prosseguem no Memorial do Rio Grande do Sul, seu vizinho na Praça da Alfândega. A restauração da Biblioteca Pública do Estado, já licitada, é a próxima obra a começar, seguindo-se a da Pinacoteca de Porto Alegre Aldo Locatelli e a da Igreja Nossa Senhora das Dores. Nessa última já foi concluída a restauração da nave, dos altares e forros, financiada por empresas, segundo a Lei de Incentivo à Cultura do estado. Para estimular a visitação e mostrar ao público a importância histórica do templo, a partir de pesquisa criteriosa, o Monumenta produziu um conjunto de fôlderes e um CD, com design gráfico bem-cuidado, em mais uma de suas iniciativas de divulgação do patrimônio das cidades.



Também foi finalizado o projeto para a restauração e melhoria urbanística de 13 hectares de praças, ruas, largos e avenidas do centro histórico. Trata-se da **Qualificação do Espaço Público**, que prevê a regularização dos

pavimentos, a restauração dos canteiros na sua forma e dimensão originais, a instalação de mobiliário, o remanejamento de equipamentos e a melhoria da iluminação. Naquilo que se mostrou viável, buscou-se a restauração desses locais segundo as características que apresentavam no início do século 20. Está prevista a iluminação cênica dos monumentos, a ser instalada, em boa parte, pela iniciativa privada. O objetivo é ressaltar os elementos arquitetônicos das fachadas, com um benefício adicional: mais iluminadas, as áreas centrais se tornarão mais seguras. É o caso da Praça da Alfândega, onde se encontram o Memorial do Rio Grande do Sul, o Museu de Arte, o Clube do Comércio, o Conjunto Cultural Santander e o Edifício Imperial. Com o projeto de adequação finalizado, e depois de restaurado, o Imperial sediará o Conjunto Cultural e a Secretaria Municipal da Cultura.

Para animar o centro, outra aquisição de peso será o Bonde Histórico, "o patrimônio em movimento", uma das mais caras tradições de Porto Alegre, com trajeto previsto entre a Praça XV de Novembro e a Usina do Gasômetro. Num esforço de cooperação, o Ministério das Cidades, por meio da Trensurb; a Prefeitura, via Carris Porto-alegrense; o Ministério da Cultura, via Pronac; a Associação de Amigos do Bonde e as empresas doadoras oferecerão ao público a oportunidade de fazer um percurso guiado, com paradas nos principais pontos de interesse cultural.



Mas, no item restauração, o Monumenta vai além das intervenções em edificações públicas. Os imóveis particulares de valor histórico e cultural devem ser recuperados na medida em que são parte essencial do centro antigo da cidade. Essa é uma das iniciativas mais inovadoras do Programa. Para isso há uma linha de financiamento, à qual é destinado 1/3 do total dos recursos para cada cidade. Já em funcionamento, a linha de crédito permite aos proprietários restaurar prédios residenciais e comerciais, em condições muito favoráveis. Não há juros, e o prazo para a liquidação é dilatado: dez anos para construções comerciais e 15 anos para imóveis residenciais. Em ambos os casos há carência de seis meses. Assim como em outras cidades, as parcelas recebidas serão depositadas em fundo especial, destinado a sustentar o processo permanente de restauração de edificações particulares. O fundo porto-alegrense, administrado por um conselho curador, terá recursos de outras fontes, inclusive de doações. A Secretaria Municipal de Cultura é responsável por sua implantação. A primeira obra financiada de acordo com esse dispositivo já terminou: um prédio em ruínas, da Rua Riachuelo, do qual só restaram as paredes externas, agora está adaptado para escritórios. Por meio de outro contrato, o Clube do Comércio irá restaurar seu vestíbulo em mármore, a fachada e vitrais que retratam a história do comércio no estado, destacando a importância da navegação fluvial. Em seguida, haverá a recuperação de vários prédios, residências e condomínios.



Viva o Jacarandá



Viva o Jacarandá

A revitalização também exige ações de caráter cultural e outras capazes de estimular a economia. Como o turismo costuma ser uma das principais fontes de renda, alguns dos projetos do Monumenta em Porto Alegre se destinam a impulsionar essa atividade. E também a valorizar o centro histórico aos olhos da população local. As primeiras iniciativas ocorreram na Praça da Alfândega. Os porto-alegrenses têm a praça em alta conta. Além de ser um dos marcos iniciais da cidade, uma vez por ano, desde 1954, a praça recebe a Feira do Livro, um dos eventos culturais de maior prestígio no estado. A feira, que dura 15 dias, tem recebido cerca de dois milhões de visitantes nos últimos anos. Só esse acontecimento é capaz de mudar para as adjacências outra mostra que se tornou tradicional: a Feira de Artesanato, que funciona há mais de 20 anos sob os majestosos jacarandás e ipês da praça. Ali, dezenas de artesãos abrem suas bancas diariamente para vender uma infinidade de objetos, confeccionados com enorme variedade de matérias-primas e destinados a diversas finalidades. Foi para esses artesãos que o Monumenta se voltou em 2003, com o objetivo de aumentar sua integração ao ambiente, aprimorar suas qualificações técnicas e, portanto, seu desempenho econômico.





O Programa qualificou dezenas de artesãos em 2004, por meio de oficinas, com a orientação de profissionais experimentados, coordenados pela empresa Heloisa Crocco Design. Dessas oficinas nasceu a Coleção Jacarandá, em que as árvores da praça inspiraram criações de apreciável valor estético, apresentadas ao público no 50º Aniversário da Feira do Livro. Depois, a coleção seria levada para diversas exposições. Hoje, além de vendidas na feira, algumas peças são regularmente comerciadas em pelo menos uma loja sofisticada de Porto Alegre. A realização do projeto foi estimulante, mesmo





para as pessoas que atuam nessa área há mais tempo. A *designer* Ana Luisa (Lui) Cuervo Lo Pumo é uma delas. Para as oficinas, Lui trouxe a experiência acumulada no contato com diferentes comunidades que vivem do artesanato. Seu primeiro trabalho data de 1997/1998, quando foi contratada pelo Sebrae para atuar no Mão Gaúcha, programa criado para a Cooperativa dos Artesãos do Rio Grande do Sul, inspirado na experiência do *Manos del Uruguay*, grupo de artesãos cooperativados na produção de artesanato de qualidade naquele país. No Mão Gaúcha, agora marca da Cooperativa, a





integração dos trabalhos de dezenas de profissionais no desenvolvimento de coleções teve excelente resultado. Uma coleção, lembra Lui, atrai o público com muito mais força que objetos isolados. E a troca de opiniões e conhecimentos entre *designer* e artesão tem o poder de despertar a criatividade de ambos, resultando em produtos mais bonitos, práticos e vendáveis. Por isso a estratégia foi repetida na Praça da Alfândega.

A metodologia aplicada levou em conta as especificidades do grupo e a



natureza do trabalho. "A comunidade dos artesãos da praça é muito peculiar. Eu diria que, como artistas urbanos, eles eram mais fechados, pouco propensos a trocar informações e experiências entre si, ao contrário do que se verifica com os do meio rural. Alguns, inclusive, eram mais resistentes a mudanças, a novas idéias. Mas antes que se iniciassem os trabalhos práticos, houve palestras para motivá-los, com a participação, dentre outros, de José Alberto Nemer, conhecido artista plástico, habituado a discorrer sobre o processo de criação artística. A palestra de Nemer sacudiu o pessoal, que



após muitos anos de atividade permanecia preso a determinados padrões de artesanato, muitas vezes herdados dos pais. Eles aceitaram bem a proposta de olhar ao redor, de buscar inspiração em seu próprio ambiente". Daí, chegar ao jacarandá como tema, numa decisão consensual, foi um passo, conforme diz Antonio Edgar da Costa Ferreira, presidente da Associação dos Artesãos da Praça da Alfândega (Artefan).

Nas oficinas, as pessoas foram agrupadas de acordo com as matérias-primas que utilizam – resinas, madeira, couro, fibras naturais e sintéticas, metais etc. O Monumenta também forneceu novos materiais para que realizassem experimentos, de acordo com suas linhas de trabalho. A equipe de *designers* procurava incentivá-los, realizando intervenções pontuais quando necessário. Lui comenta: "Há casos em que os produtos nascem perfeitos. Não há que mexer em nada. Em outros, algumas melhorias são necessárias. Um artesão, por exemplo, que faz um belo jogo americano, pode não saber quais são as dimensões ideais das peças, para que fiquem bem dispostas sobre uma mesa. Então será preciso orientá-lo. Mas não alimentávamos expectativas de que o produto seria um sucesso de vendas. Dizíamos apenas que as mudanças sugeridas poderiam dar bons resultados. É preciso não esquecer que os esforços de promoção são fundamentais para escoar a produção. De toda forma, em qualquer circunstância, o artesão deve estar convencido de que




Coleção
artesanz





quer realizar determinado trabalho. Caso contrário, não irá perseverar". Mas não demorou para que objetos promissores começassem a sair das oficinas.

Gente que usa fios metálicos, por exemplo, escolheu a flor do jacarandá, produzindo bijuterias delicadas. Outros agregaram material colorido às suas criações – o lilás da flor, com o verde das folhas do jacarandá. "Objetos assim, isolados, como artefatos de couro, podem não ser entendidos como representações do jacarandá, mas dentro da coleção fazem sentido", diz Lui. O lado prático não foi esquecido. Uma equipe do Sebrae orientou os artesãos quanto à formação de preços. Assunto de interesse evidente para quem lida com produção e comércio. Em vista dos bons resultados do projeto, o desenvolvimento de outra coleção está previsto para 2007. O tema será o ambiente tradicional e os monumentos históricos situados nas vizinhanças da praça. "Isso não significa que a Linha Jacarandá será abandonada. Ao contrário, poderá ser enriquecida e atualizada, pois o jacarandá já foi apropriado pelo grupo, e os artesãos naturalmente têm inúmeras opções de trabalho. A coleção não é uma camisa-de-força", comenta Briane Bicca, coordenadora do Monumenta em Porto Alegre. Para registrar o processo de qualificação e a criação da **Coleção Jacarandá**, em 2004, o Monumenta editou o livro ***Nós somos da Praça***.

A Associação dos Artesãos, que representa os 78 titulares da feira, avalia o projeto de forma positiva. "Ele está em linha com nosso objetivo de fazer com que a feira seja respeitada como evento cultural, e não apenas como atividade de comércio. Embora o artesão gere empregos e renda, antes de tudo é um artista", diz Antonio Edgar da Costa Ferreira, presidente da associação. Nelly Terezinha Ribeiro, tesoureira da entidade, acrescenta: "Somos um reflexo do ambiente. E o ambiente da Alfândega é diferente do de outras praças. No dia-a-dia, estamos no meio de um fluxo muito grande de pessoas. Queremos atingir esse público. O Monumenta nos dá legitimidade para permanecer aqui". Nelly e Ferreira pertencem ao grupo de artesãos que realizaram o aprendizado fundamental em casa. Ferreira, filho de agricultores, conta que seu pai, nas horas de folga, se dedicava ao artesanato em couro e madeira.

"Esses eram os materiais básicos. Mas ele, que me ensinou, utilizava tudo que considerava diferente, de pedras a qualquer tipo de sucata". Ferreira foi bom aluno. Sua banca está repleta de objetos originais, feitos com porongos, sementes de frutos, penas, ossos, raízes e outros: "Sempre gostei dessas sobras, abundantes onde vivi. E tenho necessidade de ter contato com a natureza". Para a Coleção Jacarandá, ele criou peças com sementes da árvore, ou com o desenho da flor. Nelly se dedica ao crochê, que aprendeu




Coleção Jacaranda

com a mãe, aos sete anos de idade. Trabalha principalmente na confecção de peças de vestuário. Em certos aspectos, sua trajetória de vida é semelhante à de Ferreira. Ambos tiveram outras ocupações antes de se fixarem no artesanato, em tempo integral. Ferreira chegou a ferramenteiro numa indústria, e Nelly passou por várias empresas comerciais. O balanço que ela faz da atividade é favorável: "A maioria dos artesãos da praça tem casa própria e poder aquisitivo razoável. Eu, por exemplo, mantenho minha filha e dois netos. Ela me ajuda na feira e cursa uma faculdade". Ferreira trabalha com a mulher e filhos.

Ainda na esfera do aperfeiçoamento profissional, o Monumenta programou uma oficina para a formação de artífices especializados em trabalhar com madeira na construção civil. A instituição Pão dos Pobres, tradicional no ensino técnico, em Porto Alegre, oferecerá o curso em 2007. A arquiteta Doris Maria Saraiva de Oliveira, do Monumenta em Porto Alegre, explica que o projeto foi organizado em vista da escassez de mão-de-obra para a restauração de construções tradicionais e históricas na cidade. Os alunos terão aulas sobre o patrimônio cultural e visitarão obras de restauração em andamento no estado. Ao formar jovens de 16 a 24 anos de idade, o projeto lhes dará condições de alcançar o primeiro emprego, e a inclusão social.



Arqueologia na praça


870)
Pratos de porcelana
Louça de Macau/China
Séculos XVIII/XIX
século XVIII
olonial brasileiro

Arqueologia na praça

O Monumenta se desdobra em outras ações. "Quando iniciamos os trabalhos, a população não tinha a percepção de que o centro da cidade era tão importante quanto o de Ouro Preto, ou o de Salvador, embora eles não sejam comparáveis. Mas cada cidade, por mais moderna que seja, tem seu patrimônio histórico. Em Taguatinga, nas proximidades de Brasília, a população protestou quando uma antiga caixa d'água foi demolida. Era um referencial que lhe pertencia. Os elementos do patrimônio histórico se consolidam aos poucos na mentalidade das pessoas. Uma de nossas metas é fazer a população porto-alegrense mudar seu olhar em relação ao centro histórico, que tenha uma relação afetiva com ele", diz a coordenadora do Monumenta em Porto Alegre. O que exige estabelecer nexos entre o passado e o presente. Vários projetos foram concebidos para alcançar esse objetivo. Dois deles na esfera da arqueologia urbana.

Desde o princípio, a idéia era escavar o chão da Praça da Alfândega e trazer à superfície possíveis notícias de outros tempos. O projeto arqueológico foi precedido de levantamento de dados, por meio da superposição de mapas atuais e antigos. Em seguida, realizou-se a prospecção do subsolo da praça com georadar, no primeiro semestre de 2004.



A pesquisa revelou com precisão os locais onde ficavam a murada do velho porto e suas escadarias, construídas entre 1856 e 1858. Ainda na fase preparatória, em 2005, o Monumenta, em parceria com as Faculdades Porto-Alegrenses (Fapa), patrocinou uma **Oficina de Arqueologia Histórica** para



capacitar universitários. A maioria deles estudantes de História, originários de vários centros de ensino superior. A formação envolveu teoria e prática de laboratório, ministradas pela Fapa. Os trabalhos de campo foram realizados na Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre.





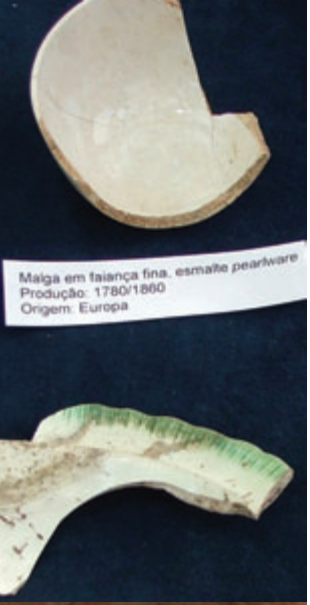
A oportunidade não podia ser perdida: a instituição estava reformando algumas casas antigas que lhe pertencem, com a intenção de transformá-las em centro histórico-cultural. O arqueólogo Alberto Tavares Duarte de Oliveira participou dos trabalhos, e atesta que os arqueólogos neófitos tiveram bom aproveitamento. "No campo, as pesquisas se desenvolvem de acordo com metodologia bem conhecida, que os estudantes não tiveram dificuldade em aprender e aplicar. O mais difícil é entender o que nos contam as camadas de terra. Principalmente os objetos encontrados. A análise desse material é que exige conhecimentos, uma bagagem técnica maior, que não se adquire apenas com a prática. Precisamos ter informações para identificar um





fragmento, ou uma peça de cerâmica, por exemplo". Quando a turma pôs mãos à obra, nas primeiras aulas práticas, procurava vestígios de um cemitério e de uma trincheira que teria sido erguida na época da Revolução Farroupilha.

Cemitério e trincheira não deram o ar de sua graça. Em compensação, veteranos e aprendizes toparam com o inesperado: uma lixeira hospitalar, remanescente do final do século 19 ou princípios do século 20 (datação mais precisa ainda será feita). Uma quantidade imensa de objetos e fragmentos surgiu da escavação. Os mais importantes foram louças, escovas de dentes





com cabo de osso, talheres e vidraria diversificada, utilizada em laboratórios ou como frascos para remédios. Tais peças ajudarão a reconstituir minúcias do cotidiano hospitalar daquela época. O achado mereceu justa comemoração. Oliveira comenta: "A Santa Casa é um sítio único. Recolhemos uma quantidade muito grande de peças inteiras, o que não é comum no trabalho arqueológico. E a partir delas conseguimos identificar, numa análise preliminar, medicamentos ou produtos farmacêuticos que caíram em desuso. Naquela época, a medicina científica começava a se impor".

O achado foi tão importante que a Santa Casa decidiu alterar o projeto do centro cultural: parte da área escavada será mantida à vista do público, tal como os arqueólogos a deixaram. E muitos dos objetos encontrados permanecerão no *hall* de entrada da instituição, em exposição permanente. Resultados tão encorajadores aumentaram as expectativas em relação à investida arqueológica na Praça da Alfândega, iniciada em meados de 2006, com a participação de estudantes da oficina da Fapa que atuaram na Santa Casa.

Acompanhar os acadêmicos de História desvendando a cultura material enterrada em parte do solo do amplo quarteirão da mais antiga Santa Casa de Misericórdia do Rio Grande do Sul, situada em sua Capital, foi uma experiência marcante e singular. A cada dia, muitas surpresas, a cada semana, várias descobertas, e a cada mês era visível o contentamento de todos os parceiros do Programa Monumenta em Porto Alegre com os resultados que a Oficina de Arqueologia Histórica estava proporcionando. Ela transformou-se em notícia, movimentando o meio acadêmico e as comunidades porto-alegrense e gaúcha, que por meses acompanharam, com expectativa, os resultados da pesquisa arqueológica, através da imprensa, que lhe deu intermitente guarida em todo seu transcurso. Potencializada por seus achados, a Oficina também se dimensionou como uma oportunidade ímpar de capacitação na área da Arqueologia Histórica, viabilizada pelo convênio que o Ministério da Cultura, a Unesco e a Secretaria Municipal de Cultura, através do Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo, firmaram com as Faculdades Porto-Alegrenses – Fapa. Para todos, um ganho, e para a memória da capital e do Rio Grande do Sul, o seu acervo se agigantou com os achados que a Oficina "ofertou".

Vera Lúcia Maciel Barroso - Historiadora


MONUMENTA

O interesse pela Praça da Alfândega é justificado: "Ela é o foco de tudo. Ali ficava o antigo porto, que tinha importância fundamental para a economia do Rio Grande do Sul, o que levou ao aterramento da área em fins do século 19, e à expansão das instalações portuárias mais além, na passagem para o século 20. Da praça se irradiam as ações do Monumenta. Isso porque, além de seu valor simbólico, ela está na interseção dos eixos culturais do centro histórico, circundada por prédios significativos, e nas proximidades de outros monumentos, como a Igreja de Nossa Senhora das Dores, o Museu de Artes do Rio Grande do Sul Ado Malagoli, e a antiga sede dos Correios, hoje Memorial do Rio Grande do Sul. E também da Esquina Democrática, ponto tradicional de manifestações políticas, formada pela Avenida Borges de Medeiros e a Rua da Praia. Por tudo isso é reconhecida como a praça cultural da cidade", explica a coordenadora do Monumenta em Porto Alegre.

Mas para que a pesquisa arqueológica pudesse acontecer em meio ao movimento da praça, atravessada por 90 mil pessoas/dia, foi necessário armar a infra-estrutura, que consistiu na montagem de tapumes para cercar o local, instalação de um minilaboratório, cobertura e iluminação das trincheiras da escavação e dos locais de peneiramento do material dali extraído, caçambas para a retirada de aterro, estruturas para a contenção das



paredes dos quadriláteros das escavações, bombas para seu eventual esvaziamento em caso de chuvas torrenciais, além da guarda permanente para a segurança contra roubo de equipamento e vandalismo.

Na praça, o arqueólogo Alberto Tavares de Oliveira, que comandou as operações, explica que há na cidade cerca de 30 sítios arqueológicos cadastrados. Pelo menos quatro são do período pré-colonial. O próprio centro histórico contém indícios de ocupação indígena. Isso ficou comprovado em 2002, quando do acompanhamento arqueológico das escavações para a instalação de cabos de fibra ótica na Rua da Praia. Nesse local, além de vestígios de ocupação histórica – louças, vidro, metais e cerâmica –, foram encontrados fragmentos de objetos fabricados por índios, os primeiros habitantes da região. Antes das escavações na praça da Alfândega, havia a expectativa em relação a novos achados pré-coloniais. Que de fato ocorreram. Porém, ali não foi encontrada uma camada arqueológica bem definida. Os restos de cerâmica indígena estavam associados a material histórico. Pode ser que tenha havido contato das antigas tribos com os portugueses imigrados. Mas isso é duvidoso, porque a área estava à beira do rio, onde as coisas costumam se misturar muito, devido à movimentação dos sedimentos pela água.



Olhares do presente



Olhares do presente

Antropólogos, sociólogos, geógrafos, arquitetos e historiadores se ocupam com o que existe na superfície de um sítio que esteja sendo estudado. O arqueólogo, em geral, trabalha com o que está embaixo da terra, busca contribuir para a história ao relacionar o passado com o presente. Alberto Tavares de Oliveira comenta: "Em nosso caso, pretendemos ter uma idéia melhor das transformações urbanas e sociais ocorridas em Porto Alegre. Procuramos levantar elementos que nos informem sobre a cultura de diferentes etnias que ocuparam o espaço estudado. São informações sobre o cotidiano, que muitas vezes não ficam registradas, tais como hábitos de descarte de lixo, de sociabilidade à mesa e de atividades domésticas. Lixeiras das casas dos séculos 18 e 19, e até do início do século 20 – a exemplo das construções da Santa Casa –, nos contam muito sobre os antigos moradores. Na praça, alguns bolsões de lixo haviam sido lacrados pelas camadas de aterro". Estudar as sociabilidades urbanas por meio das lixeiras dos séculos passados foi uma das linhas de pesquisa do Programa de Arqueologia Urbana do Museu Joaquim José Felizardo, que pertence à Secretaria Municipal de Cultura. As pesquisas resultaram na publicação do catálogo *Faiança fina em Porto Alegre – Vestígios arqueológicos de uma cidade em 2001*. O trabalho, coordenado pela arqueóloga Fernanda Tocchetto, contribuiu para a formação



de uma equipe de arqueólogos experientes na identificação de artefatos provenientes dessas antigas zonas de descarte de lixo.

As duas intervenções de pesquisa arqueológica na Praça da Alfândega foram realizadas com objetivos diferentes. "Numa delas, buscamos uma das antigas escadarias do cais, para verificar seu estado de conservação, a profundidade em que se encontrava e sua exata localização, para que essa estrutura seja incorporada à praça, enquanto monumento. Em outra área, abrimos uma pequena 'janela', semelhante às que fazemos em melancias, para ver o que havia dentro. Ali identificamos dois pisos. Um a 1,4 metro de profundidade, relacionado ao antigo Largo da Quitanda [antecessor da praça]. O outro, a dois metros da superfície, é feito de tijolos que foram assentados sobre a areia da praia, talvez no século 18 ou início do século 19. Os materiais colhidos estão sendo analisados. Temos um pouco de tudo. Do período mais antigo predominam fragmentos de cerâmicas, louças de diversos tipos e formas, vidros, objetos de metal, ossos de animais e até sementes. Na camada superficial encontramos dezenas de pazinhas de





sorvete, abandonadas pelos freqüentadores da praça. Elas se misturaram à grama e à terra e ali permaneceram. Portanto, localizamos vestígios de diferentes momentos de ocupação da área. Inclusive cerâmicas feitas por escravos, principalmente no século 18. Os fragmentos são poucos, mas trazem reproduzidas marcas características de escarificação da pele, a que se submetiam determinados povos africanos. Tais marcas identificavam o grupo ao qual as pessoas pertenciam".

É certo que o arqueólogo moderno dispõe de tecnologias sofisticadas para as análises de laboratório. No campo, o que vale é a paciência, e instrumentos simples para revolver a terra e descobrir os fragmentos do passado. E os profissionais de hoje não são predadores de relíquias, como foram os pioneiros europeus da arqueologia. Além disso, o arqueólogo de carne e osso está bem distante de um Indiana Jones: não porta nem revólveres e nem chicotes, mas sim colheres de pedreiro, pás de lixo e peneiras. Nem por isso o exercício da arqueologia deixa de ser fascinante. Assim, os tapumes que rodeavam as escavações permaneceram abertos ao público. Muitas crianças foram levadas à Praça da Alfândega, para visitas monitoradas, onde puderam acompanhar os procedimentos básicos da pesquisa arqueológica, que começa com a divisão da área em pequenas porções – as quadrículas, delimitadas por fios. Cada uma recebe




Ossos bovinos


Ferradura de mula

denominação única, por meio de combinações alfanuméricas, a partir de linhas e colunas de planilhas que representam o terreno.

O material é retirado camada por camada e colocado em saquinhos catalogados, conforme a quadrícula e a profundidade em que se encontrava. As dimensões das quadrículas e das camadas variam de acordo com o sítio, com a técnica empregada. A lógica é a seguinte: quanto maior a profundidade, maior a antiguidade dos objetos. Mas há exceções. Oliveira explica: "Fizemos escavações com finalidades distintas. Na 'janela' junto à Rua da Praia queríamos dados sobre as diferentes ocupações do terreno, fornecidas pelas camadas superpostas do subsolo. Cada uma nos indicava um momento histórico. Na área da escadaria já sabíamos que iríamos encontrar materiais diferentes, trazidos de lugares distintos, mas na mesma época, pois se tratava de aterrar o cais antigo". Nos canteiros da praça, a terra retirada das escavações era peneirada, de forma a separar as peças que interessavam. As operações seguintes foram realizadas em laboratório oferecido pela Santa Casa, onde os objetos eram catalogados e fichados, e depois transferidos para o Museu Joaquim José Felizardo, seu destino final, onde serão acondicionados e pesquisados. O interesse pela escavação levou grande número de pessoas a visitar o local. Para atendê-las, a equipe responsável promoveu visitas guiadas.



Os trabalhos na Praça da Alfândega transcorreram de acordo com o figurino, dia após dia, sem sobressaltos. A única surpresa, um incidente de repercussão nacional, ocorreu em 1º de setembro de 2006, quando foi descoberta outra "escavação" em área próxima da praça – um túnel com 80 metros de comprimento. Seus autores nunca estiveram interessados em achados arqueológicos, mas sim em tesouros eventualmente guardados nos cofres de agências do Banco do Estado do Rio Grande do Sul e da Caixa Econômica Federal. O golpe, arquitetado pela organização criminosa Primeiro Comando da Capital, terminou frustrado pela Polícia Federal, que prendeu 26 pessoas em Porto Alegre. Outro trecho do túnel seria encontrado no início de dezembro. Oliveira, divertido, afirma não ter dúvida de que a inocente prospecção arqueológica que conduziu tenha atraído a curiosidade dos






IMAGINA DAQUI UNS MILHÕES DE ANOS OS CARAS AQUI CAVOCANDO OS OSSOS DA GENTE!
POR ISSO QUE EU OPTEI PELA CREMAÇÃO!






ER



"concorrentes" enquanto cuidavam de sua "obra". O ano, felizmente, terminou sossegado, com os tapumes que cercam as escavações cobertos por cartuns de 15 artistas gráficos gaúchos, sócios da Grafistas Associados do Rio Grande do Sul (Grafar), que brincaram com a origem de Porto Alegre. A Grafar também foi contratada pelo Programa Monumenta para essa animação dos tapumes da escavação arqueológica. O mote, é claro, foram as próprias pesquisas.

Além dos cartuns, o **Projeto Tapume** apresentou aos visitantes uma exposição fotográfica sobre o Monumenta e a trajetória histórica da Praça da Alfândega, também disposta na face externa dos tapumes. O conteúdo instigante dos painéis, o *design* gráfico moderno e a disposição da exposição, que aproxima os pedestres da história do país, são alguns de seus atrativos. As fotos utilizadas, assim como todo o acervo de 1.200 mapas, gravuras e plantas digitalizadas pelo Monumenta, são originárias dos vários arquivos da cidade, cedidas para divulgação.





Percurso da memória



Percurso da memória

Os brasileiros desde cedo se acostumam com a falsa idéia de que a construção do Rio Grande do Sul é obra exclusiva de imigrantes europeus. Isso porque a inestimável contribuição dos negros permaneceu esquecida durante muito tempo pelos manuais de História. Tal "invisibilidade" também é patente no mundo físico, comenta o historiador Pedro Rubens Vargas, do Museu Joaquim José Felizardo. Com exceção do espaço público renomeado como Largo Zumbi dos Palmares – em homenagem recente ao ícone da resistência antiescravista –, e um busto de João Cândido, líder dos marinheiros rebelados na Revolta da Chibata, em 1910, Porto Alegre não tem monumentos, nomes de ruas, nada que possa lembrar a presença multissecular e permanente dessa etnia em solo gaúcho. Mesmo na literatura tradicional, o negro sempre apareceu quase como um objeto inanimado na paisagem. Contudo, desde o passado mais remoto, escravos africanos e seus descendentes estiveram em todas as expedições de conquista do território. Em meio a violências e humilhações, sustentaram as atividades econômicas na antiga província, da célebre indústria do charque ao comércio citadino. Trabalharam no cais do porto, em atividades domésticas, e foram alugados por seus senhores, comenta o antropólogo Iosvaldyr Bittencourt Junior, membro da comunidade negra. Os negros também resistiram, infringindo



regras que lhes eram impostas, fundando quilombos e combatendo pela liberdade. Em Porto Alegre, na virada do século 19 para o século 20, com a regularização do traçado viário, a população pobre, em boa parte negra, desapareceu do centro. Essa regularização suprimiu becos e vielas, e foi seguida de medidas urbanísticas que impediram a permanência de habitações feitas de madeira, com apenas um pavimento, na região central. Aos poucos, a trajetória do povo negro está sendo resgatada no país. Com ajuda do Sul. A contestação ao 13 de maio, por exemplo, começou na Esquina Democrática de Porto Alegre. Ao iniciar-se a década de 1970, intelectuais negros, que se reuniam ali, decidiram transformar o 20 de novembro, aniversário do assassinato do Zumbi, em data-símbolo, mais tarde denominada Dia Nacional da Consciência Negra. Também o velho baú da história oficial vem sendo remexido para derrubar mitos e colocar certos personagens em seus devidos lugares. É o caso do episódio da Revolução Farroupilha, conhecido como Massacre de Porongos, no qual o líder farrapo David Canabarro desarmou o corpo de lanceiros negros. Sem meios de defesa, a tropa foi aniquilada durante ataque noturno, realizado pelo exército imperial, comandado por Caxias.

Para resgatar a memória dos afro-brasileiros em Porto Alegre, o Monumenta financia o projeto de criação do **Museu do Percurso do Negro**, em



colaboração com o movimento negro e vários órgãos públicos. O projeto surgiu há alguns anos, durante as discussões da temática cultural no Orçamento Participativo da cidade. O Museu do Percurso é pensado, organizado e acompanhado a partir de um conselho gestor representativo de segmentos do movimento negro, e por representantes do poder público municipal. Cada etapa do projeto é debatida em reuniões marcadas muitas vezes por acaloradas disputas de posições e opiniões divergentes. Essa experiência, no relacionamento com a sociedade civil, tem sido enriquecedora para técnicos do Monumenta e para gestores de políticas públicas.

Contratados pelo Monumenta, Pedro Vargas e Iosvaldyr Bittencourt, junto

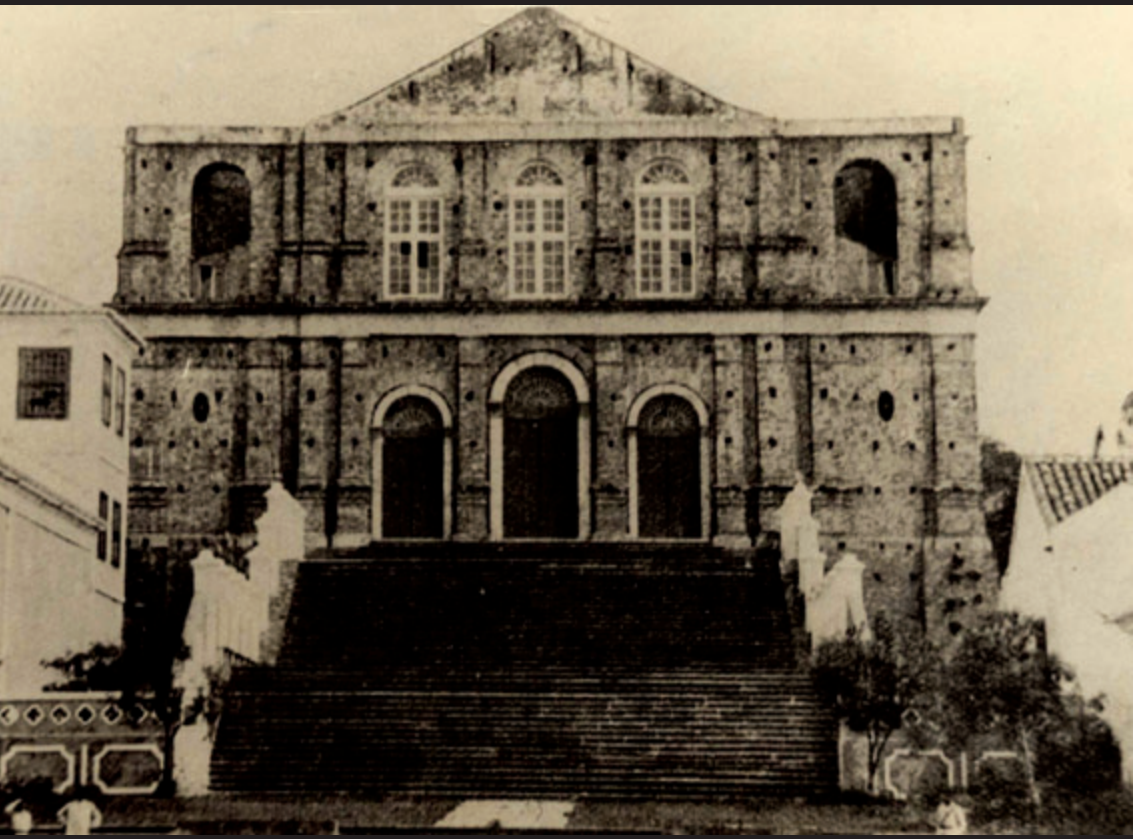
com a historiadora Luzia Ribeiro Marques, participam do levantamento de dados, iniciado em 2000 pela arquiteta Helena Machado. O Museu consistirá de uma série de marcos em diversos locais do centro histórico – construções, ruas e praças –, para lembrar a existência da comunidade (em frente à Igreja de Nossa Senhora das Dores, por exemplo, havia um pelourinho, onde os escravos eram supliciados). A intenção é que os marcos venham a ser feitos por artistas negros, e as visitas orientadas por jovens monitores.

Desde já é possível afirmar que um dos pontos altos da caminhada será o Mercado Municipal, guardião de algumas cerimônias do batuque – denominação local para cultos afro-brasileiros, que se expandem velozmente no Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina. Nesse percurso religioso moderno, os adeptos vindos da área do Prata costumam fazer sua iniciação em Porto Alegre. Lá, como os confrades brasileiros, são apresentados ao Bará do Mercado. "O Bará é um orixá que abre e fecha caminhos. Consta que esse orixá está associado aos mercados em cidades africanas tradicionais que se desenvolveram ao redor de antigos pontos de comércio. Para ele, foi assentado um ocutá (tipo de pedra) no centro do Mercado Municipal, segundo a tradição. Daí a cerimônia de apresentação, que vem sendo realizada há muito tempo ali", diz Bittencourt. A tradição também dá conta de que o assentamento para o Bará teria sido realizado pelo príncipe



Custódio, originário do Benim, que viveu em Porto Alegre do final do século 19 até sua morte, em 1934. Figura controvertida, o príncipe Custódio teve grande influência sobre a comunidade negra. Por conter o axé (energia) do Bará, o Mercado Municipal concentra grande parte do comércio de artigos rituais do batuque.

O Monumenta tem outras iniciativas em Porto Alegre: "No Projeto Interpretativo do Centro Histórico, estamos trabalhando para que nas esquinas das ruas sejam colocadas placas, que além dos nomes atuais, contenham as denominações antigas dessas vias. Em locais com significado especial, também serão instalados painéis contendo fotos e referências feitas a eles por escritores rio-grandenses em suas obras. Da mesma forma, nos principais monumentos e prédios de valor cultural, está prevista a colocação a uma placa contendo um resumo de sua história", diz Briane Bicca.



O Projeto tem em vista não apenas os viajantes que passam pela cidade, mas também a população. "Uma pessoa pode tropeçar diariamente num marco importante da vida da cidade e jamais saber alguma coisa sobre ele. Havendo informação, o patrimônio histórico se concretiza nas edificações e nos lugares, que passam a ter um significado especial, se consolidando na memória coletiva". Para explicar esse processo de "cristalização" do patrimônio, ela toma emprestada a imagem de um toca-discos, que o *designer* e ex-presidente da Fundação Pró-Memória/IPHAN, Aloísio Magalhães, gostava de utilizar em suas conferências.

"O processo cultural é semelhante ao deslocamento do braço do toca-discos, da periferia para o centro do 'bolachão'. As manifestações contemporâneas se produzem nas bordas do disco imaginário da cultura. Algumas desaparecem. As que ficam vão sendo repetidas, reforçadas e revividas. E, tal como o braço do aparelho, se encaminham para o 'centro do disco'. Esse núcleo é o patrimônio histórico que se consolida com o tempo. Ou seja, o olhar afetivo da população vai entrando pelas bordas do 'bolachão'. O somatório das experiências individuais 'solidifica' o patrimônio. Por isso nosso projeto tem a finalidade de levar a população a um diálogo afetivo e permanente com a cidade. Com certeza, a preservação do patrimônio é diretamente proporcional ao afeto que os cidadãos têm por ela".





Construção monumental



Construção monumental

Em 1995, durante reunião do BID em Recife, foi estabelecida uma parceria entre essa instituição e o governo brasileiro, por intermédio do Ministério da Cultura, para criar um programa destinado à recuperação do patrimônio histórico de cidades brasileiras. Na ocasião, Olinda, patrimônio da humanidade, precisava de socorro urgente e a Unesco se dispôs a contratar uma equipe de consultores para implementar a iniciativa. Os primeiros passos do programa foram dados no setor de cultura da organização, em Brasília. As articulações iniciais e os trabalhos preliminares se deram entre 1995 e 1999. Nessa fase, de formatação do Programa, Ouro Preto, Olinda, Recife e Rio de Janeiro eram as cidades envolvidas. No início de 2000, a partir de uma lista do IPHAN, de 101 sítios e conjuntos urbanos sob proteção federal, foram escolhidas mais 22 cidades para se integrarem ao Monumenta. A decisão foi tomada em Brasília, durante encontro com gestores de patrimônios, administradores de museus e de outras instituições culturais. A essa altura, o Programa Monumenta já podia contar com uma equipe técnica bastante apreciável e altamente qualificada.

Três cidades do Rio Grande do Sul constavam da lista: Antonio Prado, Pelotas e Porto Alegre. Antonio Prado pediria sua exclusão logo a seguir. Assim, em fevereiro de 2001, cerca de 40 pessoas se encontraram em Porto Alegre



numa reunião de planejamento, para fazer um diagnóstico da situação do centro histórico e propor diversas soluções para sua valorização. A pauta foi encaminhada ao Monumenta, que definiu onde poderia atuar. Daí saiu o plano de trabalho, porque havia sugestões que não eram da alçada do Programa, como ações de segurança e de atendimento à população carente freqüentadora do centro, assim como as infra-estruturas em geral. Iniciou-se aí a montagem do chamado Perfil do Projeto. Impresso, o perfil rendeu dez volumes. As 26 cidades do Monumenta seguiram os mesmos procedimentos. Preparados os documentos, com todos os detalhes, incluindo orçamentos preliminares, o perfil do projeto foi analisado e aprovado pela Coordenação Nacional do Monumenta e o BID. No caso de Porto Alegre, o orçamento global é de 16,85 milhões de reais. Assinados os convênios entre o município e o Ministério da Cultura em 2002, o projeto entrou imediatamente em execução, sob orientação e com o acompanhamento permanente do IPHAN. No início de 2003, o estado, proprietário da maioria dos monumentos a ser restaurada, ingressou no projeto. Dos recursos, 70% vêm do Ministério da Cultura e do BID, a fundo perdido. O restante corresponde à contrapartida do governo estadual, da prefeitura e da iniciativa privada.

"Começamos pelo levantamento dos edifícios históricos da área central. Depois, a historiadora contratada para essa tarefa iniciou uma pesquisa



iconográfica, colecionando imagens de todos os arquivos disponíveis. Agora temos mais de mil fotos históricas digitalizadas, cedidas por várias instituições. Também fizemos um levantamento topográfico cadastral da situação do centro. Abríamos uma planta, e ela nos informava que determinada rua tinha cinco metros de largura. Abríamos outra planta, e a rua aparecia com largura 5,5 metros. Para eliminar essas imprecisões, foi contratada uma empresa especializada em cadastros urbanísticos. O centro terminou esquadrinhado e medido por ela, que indicou a localização exata das lixeiras, árvores e orelhões. Esse cadastro nos informou, com plantas digitalizadas, a situação das calçadas e do pavimento das ruas. A Praça da Alfândega é um bom exemplo do nível de detalhamento. Dela temos, desde as dimensões dos canteiros à posição das bancas dos artesãos, passando pelas cadeiras dos engraxates, banheiros e a vegetação. Para tocar o projeto urbanístico de restauração, precisávamos dessa base cartográfica, mas também de outras informações, tais como as fotografias, gravuras e mapas antigos, das referências sobre o centro histórico na literatura, dos resultados das escavações e de muitos outros elementos", diz Briane.

O termo de referência do que seria essa proposta técnica de restauração e melhoria urbanística da área pública do Projeto Monumenta (13 hectares de vias, largos e praças), calcado em farta documentação histórica e grande



massa de dados relativos ao centro, é resultado do consenso a que chegaram representantes dos patrimônios federal, estadual e municipal, com a cooperação de vários órgãos da administração pública. No início de 2007, a empresa vencedora da concorrência dava os retoques finais no projeto,





com o objetivo de depois licitar as obras previstas, de acordo com os limites do orçamento inicial.

Além de embasar a formulação da restauração urbanística, o banco de dados e imagens do Monumenta em Porto Alegre tem sido muito útil em diversas iniciativas. As fotos antigas são apresentadas em exposições e usadas na divulgação do projeto por meio da mídia, que tem dado ampla cobertura às ações do Monumenta. O trabalho é realizado em parceria cordial e produtiva com outras entidades e instituições. Uma delas é a Câmara Rio-Grandense do Livro, organizadora do Feira do Livro. Outra é o Centro Cultural Santander. Como a escavação arqueológica na Praça da Alfândega tem finalidade didática, o Santander leva crianças inscritas em seu programa educativo para conhecerem o sítio arqueológico na Praça da Alfândega. Depois, elas visitam as exposições e oficinas do Centro Cultural.

Com base nessas experiências de cooperação, há expectativa otimista quanto à possibilidade de captar recursos para financiar o Projeto Interpretativo, o que terá de ser feito junto à iniciativa privada. "Esse projeto não estava previsto em nosso orçamento. Mas creio que a idéia será bem recebida. A imprensa vem noticiando nosso trabalho de forma sistemática, desde o início. Graças a isso, a população já tem bom domínio do que é o Monumenta. As realizações mostram capacidade de execução. E isso sempre é bem avaliado". Às vezes, é preciso ter paciência para afastar obstáculos. Um deles, bem concreto, só foi eliminado após dois anos e meio de esforços constantes. Era um terminal metropolitano de ônibus, instalado na Avenida Sepúlveda havia duas décadas. A avenida liga a Praça da Alfândega ao Cais Mauá. Com a transferência do terminal para outro lugar, já em 2005 a Feira do Livro pôde avançar até o Pórtico do Cais Mauá, local de instalação da área de literatura infantil. Também mudou a disposição dos estandes de editoras estrangeiras na Avenida Sepúlveda. Assim, a ala internacional ficou mais destacada e arejada. A ampliação do espaço era necessária para acomodar melhor os estandes da mostra e permitir às pessoas circular com mais liberdade, principalmente os idosos. Mais um fator de incentivo às atividades culturais e de lazer integrantes da feira, que se distribuem por todo o centro.

O impacto das ações do Programa Monumenta em Porto Alegre, que

alcançaram plenamente seus objetivos, com o apoio do IPHAN, se fará sentir por muito tempo após sua conclusão. O que será positivo. Briane comenta: "A cidade, ainda que de forma tímida, foi uma das pioneiras no campo da preservação do patrimônio histórico. Aqui, o primeiro levantamento patrimonial foi realizado em 1971 por uma comissão nomeada pelo prefeito. Em 1974, outra comissão complementou a listagem, destacando exemplares significativos da arquitetura da cidade que estão fora da área central. A partir desses procedimentos, houve uma multiplicidade de mecanismos aplicados, em diferentes momentos, a favor da preservação do patrimônio cultural edificado de Porto Alegre, culminado com a Lei 4.665/76, que institui o tombamento em nível municipal. Mais tarde, após as lutas que impediram a destruição de alguns monumentos preciosos, surgiram órgãos públicos para cuidar do setor, com destaque para o IPHAN, que atua oficiosamente na cidade desde 1954, tendo oficialmente seu escritório montado em 1978. Lentamente, o centro histórico passa a ser cada vez mais valorizado pelos cidadãos de Porto Alegre. Essa valorização se estende aos órgãos permanentes de defesa do patrimônio. É importante reforçá-los, pois o Monumenta tem começo, meio e fim. É só mais um passo nessa longa estrada que nos conduz a preservar e a valorizar o legado construído por nossos antecessores. Uma herança que temos o compromisso de manter viva".



Investimentos nas Ações Concorrentes do Programa Monumenta em Porto Alegre

Escavação Arqueológica (obras de infra-estrutura e escavações): R$ 320.197,79

Oficinas de Arqueologia Histórica em convênio com as Faculdades Porto-Alegrenses: R$ 46.707,12

Coleção Jacarandá - Projeto de Qualificação Profissional dos Artesãos da Praça da Alfândega: R$ 98.850,00

Exposição Projeto Tapume: R$ 26.000,00

Exposição de Cartoons *Arqueologia na Praça*: R$ 14.000,00

Museu do Percurso do Negro em Porto Alegre: R$ 209.000,00

Projeto Interpretativo do Centro Histórico: R$ 350.000,00

Identificação e créditos das fotos

Foto p. 4: Praça Rio Branco, Rua Sete de Setembro, Correios e Telégrafos, MARGS e Avenida Sepúlveda. 1ª metade do século XX. Acervo Fototeca Sioma Breitman -Museu Joaquim José Felizardo. Autor desconhecido.

Foto p. 6: Acervo Fototeca Sioma Breitman - Museu Joaquim José Felizardo.

Foto p. 8: Maquete com detalhes da intervenção do Monumenta na Praça da Alfândega, março de 2007. Delurdes Bresciani.

Foto p. 12: Clube do Comércio, Banco Safra. Arquivo do Monumenta/Edu Lyra.

Foto p. 14: Biblioteca Pública. Arquivo do Monumenta/Edu Lyra.

Foto p. 16: Pórtico restaurado. Arquivo do Monumenta/Edu Lyra.

Fotos p. 18/19: (da esquerda para a direita) Monumento a Júlio de Castilhos, localizado na Praça da Matriz. Arquivo do Monumenta/Cristiano Mascaro. Enchente na Praça da Alfândega em 1941. "A Primavera", grupo escultórico de Paul Landowski, depois de restaurado, Pátio Interno, Palácio Piratini. Paulo Dias/ ASCOM.

Foto p. 22: Vista da Praça da Alfândega e da Praça Rio Branco em direção ao Cais do Porto, na qual se observa à esquerda a antiga edificação da Caixa Econômica Federal e, ao fundo, as edificações dos Correios, da Delegacia Fiscal, do Pórtico Central e dos Armazéns. Aproximadamente final da década de 1930. Acervo IPHAE. Fotógrafo desconhecido.

Foto p. 25: Palácio Piratini. Arquivo do Monumenta/Edu Lyra.

Foto p. 26: Igreja das Dores. Arquivo do Monumenta/Edu Lyra.

Foto p. 28: Detalhe do Memorial do Rio Grande do Sul. Arquivo do Monumenta/Edu Lyra.

Foto p. 30: Prédio da Riachuelo nº 933, 935, 937. Arquivo do Monumenta/Edu Lyra.

Foto p. 34: Oficina de qualificação dos artesãos da Praça da Alfândega, Mercado Público, fevereiro de 2004. Fábio Del Re.

Foto p. 36: Oficina de qualificação dos artesãos da Praça da Alfândega, Mercado Público, fevereiro de 2004. Fábio Del Re.

Foto p. 38: Oficina de qualificação dos artesãos da Praça da Alfândega, Mercado Público, fevereiro de 2004. Fábio Del Re.

Foto p. 39: Oficina de qualificação dos artesãos da Praça da Alfândega, Mercado Público, fevereiro de 2004. Fábio Del Re.

Foto p. 42: Oficina de qualificação dos artesãos da Praça da Alfândega, Mercado Público, fevereiro de 2004. Fábio Del Re.

Foto p. 45: Oficina de qualificação dos artesãos da Praça da Alfândega, Mercado Público, fevereiro de 2004. Fábio Del Re.

Foto p. 46: Oficina de qualificação dos artesãos da Praça da Alfândega, Mercado Público, fevereiro de 2004. Fábio Del Re.

Foto p. 50: Fragmentos de pratos em faiança portuguesa, século XVIII encontrados na escavação na Praça da Alfândega, 2006. Arqueólogo Alberto Tavares Duarte de Oliveira.

Foto p. 52: Arqueologia Infra-estrutura. Fotos Out 2006. Arquivo do Monumenta/UEP.

Foto p. 53: Escadaria do antigo porto. Final do século XIX ou primeira década do século XX. Arquivo do Monumenta/UEP.

Foto p. 54: Artefato encontrado durante as escavações da Praça da Alfândega. Escavação canteiro 2 (escadaria). Arquivo do Monumenta/UEP.

Foto p. 55: Aparelho ortodôntico encontrado durante as escavações. Escavação canteiro 2 (escadaria). Arquivo do Monumenta/UEP.

Foto p. 56: Fragmentos encontrados durante trabalho arqueológico. Arquivo do Monumenta/UEP.

Foto p. 58: Exposição Tapume na Praça da Alfândega. Arquivo do Monumenta/UEP.

Foto p. 60: Escavação. Arquivo do Monumenta/UEP.

Foto p. 64: Exposição de objetos encontrados em escavação arqueológica. Arquivo do Monumenta/UEP.

Foto p. 66: Foto de fragmento encontrado em escavação arqueológica. Arquivo do Monumenta/UEP.

Foto p. 67: Escavação canteiro 2 (escadaria). Arquivo do Monumenta/UEP.

Foto p. 68: Visitação das escavações durante a Feira do Livro. Arquivo do Monumenta/UEP.

Foto p. 70: Escadaria escavada. Fragmentos encontrados durante os trabalhos arqueológicos. Arquivo do Monumenta/UEP.

Foto p. 72: Antes de começar as atividades dos cartunistas no tapume das escavações. Arquivo do Monumenta/UEP.

Foto p. 73: Cartunistas trabalhando no tapume das escavações. Arquivo do Monumenta/UEP.

Foto p. 74: Atividade em frente ao tapume trabalhado pelos cartunistas durante a Feira do Livro. Arquivo do Monumenta/UEP.

Foto p. 76: Trabalho dos cartunistas. Arquivo do Monumenta/UEP.

Foto p. 77: Detalhe de um dos cartuns. Arquivo do Monumenta/UEP.

Foto p. 80: Negro liberto. Acervo Fototeca Sioma Breitman - Museu Joaquim José Felizardo. Virgílio Calegari.

Foto p. 82: Negros libertos. Acervo Fototeca Sioma Breitman - Museu Joaquim José Felizardo. Lunara.

Foto p. 84: Vista de Porto Alegre. Vista parcial do cais, ao fundo a construção da Igreja das Dores. Início do século. Acervo Fototeca Sioma Breitman - Museu Joaquim José Felizardo. Autor desconhecido.

Foto p. 86: Foto antiga da Igreja das Dores. Acervo Fototeca Sioma Breitmen - Museu Joaquim José Felizardo. Autor desconhecido.

Foto p. 87: Vista da Igreja Nossa Senhora das Dores sem as torres. Fim do século XIX. Acervo Fototeca Sioma Breitmen - Museu Joaquim José Felizardo. Autor desconhecido.

Foto p. 89: Casal de negros libertos. Acervo Fototeca Sioma Breitman - Museu Joaquim José Felizardo. Lunara.

Foto p. 92: Monumento a Júlio de Castilhos, localizado na Praça da Matriz. Arquivo do Monumenta/Edu Lyra.

Foto p. 94: Interior da Igreja Nossa Senhora das Dores durante restauração. Arquivo do Monumenta/Edu Lyra.

Foto p. 96: Praça da Alfândega com o MARGS ao fundo.

Foto p. 98: Remadores próximos a uma das escadarias do antigo porto. 1892. Acervo Fototeca Sioma Breitman - Museu Joaquim José Felizardo.

Foto p. 99: (à esquerda) Praça Parobé. Final do século XIX. Acervo Fototeca Sioma Breitman - Museu Joaquim José Felizardo. Autor desconhecido. (à direita) Rua da Praia. Praça da Alfândega. Aproximadamente 1930. Acervo Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

Banco Interamericano
de Desenvolvimento

UNESCO

MONUMENTA

IPHAN 70 ANOS 1937 2007



Ministério
da Cultura

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL



MONUMENTA

IPHAN 70 ANOS 1937 2007

IPHAN

Ministério da Cultura

BRASIL UM PAÍS DE TODOS GOVERNO FEDERAL